

Magistério e mercado de trabalho: motivações e dilemas na escolha profissional

Belmira Oliveira Bueno
Janine Schultz Enge

Resumo

O artigo examina a questão da escolha profissional e suas relações com o mercado de trabalho. Analisa a experiência de um grupo de licenciados da USP formados em 1994 e 1995, focalizando a transição da universidade para o mundo do trabalho. Os dados foram colhidos por meio de dois questionários e de entrevistas semi-estruturadas realizadas com

quatorze egressos de diferentes cursos. Na construção do referencial teórico tomou-se como ponto de partida os trabalhos de Bohoslavsky (1983, 1987) sobre escolha profissional e, a seguir, a teoria sociológica de Bourdieu (1990, 1992, 1994, 2001) para interpretar as formas mediante as quais as escolhas são processadas. Nas análises busca-se discutir a questão da escolha do curso superior considerando as influências da família e da escolarização. Considera-se também a formação de professores na USP e o baixo prestígio da licenciatura. No centro desse exame encontra-se o tema do trabalho: as motivações e os dilemas vividos

pelos professores durante os primeiros anos depois de formados, face às influências do mercado de trabalho, que aparece como fator preponderante no desenvolvimento de suas carreiras profissionais.

Palavras-chave: escolha profissional – magistério – licenciatura – mercado de trabalho.

Belmira Oliveira Bueno
Pós Doutorado University of North Carolina at Chapel Hill/UNC, USA. Professora Titular da Faculdade de Educação de Educação, Departamento de Metodologia c/o Ensino e Educação Comparada da Faculdade de Educação, USP.

Janine Schultz Enge
Mestre em Educação, USP, Técnica da Secretaria de Educação à Distância, MEC.

Introdução

No Brasil, o magistério foi submetido no decorrer das últimas décadas a um processo contínuo de desvalorização de seu status, em decorrência, principalmente, do rebaixamento salarial dos professores e de sua crescente feminização. A questão salarial não é, no

entanto, o único fator que contribui para o desprestígio da profissão no contexto brasileiro. As condições de trabalho dos professores, o modo como o trabalho docente encontra-se organizado na escola, as rápidas transformações das últimas dé-

cadadas, desencadeadoras de novas aspirações e de mudanças nos valores, figuram certamente entre os fatores que influem sobre as expectativas e a motivação dos docentes para exercerem ou não o magistério.

Essa situação, somada às dificuldades e aos desafios que os docentes vêm enfrentando no âmbito do magistério, tem levado muitos pesquisadores a dedicar maior atenção ao estudo da profissão docente - sua história, organização, estatuto profissional, etc. - bem como aos próprios professores, focalizando diferentes aspectos de seu trabalho e de suas práticas, sobretudo no que se refere aos profissionais da educação infantil e das séries iniciais do ensino fundamental.

Pouca atenção, no entanto, tem sido dada às experiências iniciais que os professores, uma vez formados, passam a ter para se estabelecerem como profissionais. Quais os embates que os docentes enfrentam quando começam a trabalhar? Como ingressam no mercado de trabalho? O que preferem fazer? Em que medida podem ou não escolher entre ser professor ou deixar de sê-lo? Como têm enfrentado os desafios dessa etapa inicial do processo de profissionalização? Enfim, de que modo eles lidam com suas motivações, gostos, preferências frente ao mercado de trabalho, às expectativas sociais e frente às suas próprias expectativas?

Estas indagações orientaram a presente pesquisa, que estudou os anos iniciais de profissionalização de egressos do curso de licenciatura da USP formados em 1994 e 1995, com a perspectiva de oferecer elementos que contribuam para uma melhor compreensão da profissão

docente e de seus profissionais no contexto atual. O trabalho tem como foco a transição entre a universidade e o mercado de trabalho, numa tentativa de melhor compreender a questão da escolha profissional e os caminhos percorridos pelos professores desde que passam a aspirar pelo ensino superior.

Método

Os dados da pesquisa foram colhidos por meio de dois questionários e entrevistas semi-estruturadas realizadas com quatorze licenciados. O primeiro questionário foi enviado aos 624 licenciados formados em 1994 e 1995; e o segundo, aos 142 que responderam ao primeiro. Por meio desse instrumento foram obtidas informações sobre a escolarização, o início da vida profissional e outros dados sobre a situação socioeconômica das famílias do grupo em estudo.

Embora os dois questionários tenham incluído questões abertas, os dados qualitativos mais relevantes foram obtidos por meio de entrevistas, com as quais buscou-se colher depoimentos sobre a escolarização e as influências consideradas mais decisivas na escolha do curso superior, bem como os caminhos e estratégias de enfrentamento utilizados pelos licenciados no campo profissional, no decorrer dos primeiros anos após formados.

A revisão bibliográfica realizada mostrou que a produção nacional sobre esse tema é escassa, evidenciando, no entanto, que os trabalhos que já examinaram o tema das licenciaturas e da escolha profissional apresentam várias convergências em suas conclusões.

Os trabalhos do psicólogo argentino Rodolfo Bohoslavsky (1983; 1987) serviram como ponto de partida para a construção do referencial teórico. A seguir toma-se a teoria sociológica de Pierre Bourdieu (1990, 1992, 1994, 2001) para interpretar as formas pelas quais as escolhas são processadas.

A difícil tarefa de escolher um curso superior

A escolha de um curso superior é um processo decisório que recebe influências de ordem diversa e passa por muitas etapas. Talvez não seja errado afirmar que se inicia antes mesmo da própria entrada na escola.

Em um texto intitulado *Entre a encruzilhada e os caminhos*, Bohoslavsky (1983, p. 17) afirma que não se pode pensar a escolha profissional como simples resultado de uma opção realizada num determinado momento pelo indivíduo, mesmo porque pensar no adolescente como alguém "livre e responsável, que escolhe racionalmente de acordo com as suas possibilidades internas, interesses e oportunidades sociais, expressa tão-somente um mascaramento da realidade."

Uma das questões muito presentes nas obras desse autor refere-se ao conflito gerado quando da opção por um curso superior, devido à dificuldade do jovem em escolher entre uma profissão para a qual há uma motivação interna e aquela que, possivelmente, trará mais *status*. Um dos maiores dilemas que aparece nesse momento, segundo ele, é a diferença entre os ideais do jovem e as expectativas

dos pais, de modo que se cria uma dúvida entre escolher um curso tradicional que esteja de acordo com o *status* familiar, e algum outro que pareça estar relacionado aos avanços e às necessidades da sociedade. No entanto, poucos são os alunos que conseguem reconhecer a influência ou pressão exercida pelos pais, amigos e outras pessoas de seu convívio social. Isto em parte pode ser compreendido admitindo-se que há, no decorrer da vida dos indivíduos, uma interiorização de valores que se acham presentes nas representações acerca das profissões, fazendo com que seus ideais acabem, em geral, por corresponder aos ideais de sua classe e de seu grupo de convívio social. Nessa perspectiva, Bohoslavsky (1983, p. 59) afirma que o sujeito reproduz a estrutura de seu grupo, mediante processos de identificação, de forma que este sistema "peculiar a cada indivíduo tende a reproduzir simbolicamente a estrutura de relações próprias à classe social a que a família pertence e, ainda, os deslocamentos no espaço social que constituem sua trajetória social."

Cumprido no entanto observar que esse processo não é linear, mas sim cronológico, à medida que é o sujeito, no decorrer de sua história de vida e de educação, que processa os valores historicamente engendrados nas práticas que se transmitem no âmbito da cultura e do universo simbólico ao qual ele pertence. Esse processo é sutil, sobretudo porque as práticas discursivas operam de modo a dar a impressão para o sujeito de que sua escolha foi uma decisão consciente, movida exclusivamente pelo 'sonho', pela 'vocação' e pela necessidade concreta de adquirir um diploma e se profissionalizar. (BUENO, 1996, p. 103).

As representações acerca das profissões estão, assim, vinculadas à posição social que o indivíduo ocupa. É da família que são ouvidas as primeiras palavras de incentivo ou desencorajamento no sentido do que é desejável ou não fazer profissionalmente. Também a forma como o sujeito pensa o futuro deve ser considerada, posto que este não costuma ser pensado abstratamente, mas associado a um profissional em particular que tem características com as quais quem escolhe se identifica. Bohoslavsky (1987, p. 53-54, grifo do autor) considera que "nunca se pensa numa carreira ou numa faculdade despersonalizados. [...]. Para um adolescente, definir o futuro não é somente definir o que fazer, mas, fundamentalmente, definir quem ser e, ao mesmo tempo, definir quem não ser."

Diante disso, torna-se também possível afirmar com ele que as relações, gratificantes ou não, com as pessoas que fazem parte do universo das crianças e desempenham papéis sociais com os quais elas se identificam, consciente ou inconscientemente, "tendem a pautar o tipo de relação com o mundo adulto, em termos de ocupações."¹ Assim, quem escolhe não está apenas definindo o que fazer, mas também quem ser, o que ser e como fazê-lo, de modo a poder inserir-se em um determinado contexto profissional e social. Embora confuso, diz o autor, "esse quem é é produto de múltiplas identificações, que podem ser contraditórias, opostas, dissociadas [...]."² A opção profissio-

nal envolve, assim, a definição de uma personalidade para o mundo adulto, razão pela qual Bohoslavsky (1987) afirma que essa escolha é, na verdade, uma questão de "identidade profissional". Esta expressão, segundo ele, exprime melhor esse processo, de vez que engloba os principais fatores internos e externos que intervêm na escolha de uma profissão.

Em seus trabalhos, Bourdieu (1994, p. 61) dedicou-se longamente a teorizar sobre o modo como as escolhas são processadas, explicando-as através do conceito de habitus, o qual, segundo ele, permite que se compreenda toda a dinâmica social. Para ele, "o habitus está no princípio de encadeamento das 'ações' que são objetivamente organizadas como estratégias sem ser de modo algum o produto de uma verdadeira intenção estratégica" (BOURDIEU, 1984, p. 61), e sua construção se inicia no momento em que são formadas as primeiras categorias e valores do sujeito, desenvolvendo-se por toda a sua vida. As respostas criadas pelo habitus, diz ele³,

se definem em primeiro lugar em relação a um campo de potencialidades objetivas, imediatamente inscritas no presente, coisas a fazer ou a não fazer, a dizer ou a não dizer, em relação a um vir, que ao contrário do futuro como 'possibilidade absoluta' [...] se propõe com urgência e pretensão a existir excluindo a deliberação.

¹ BOHOSLAVSKY, R. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1987. p. 57.

² *Id.*, *Ibid.*, p. 79-80.

³ BOURDIEU, P. *Esboço da teoria da prática*. In: ORTIZ, R. (Org.). *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994. p. 46-81.

Assim, Bourdieu⁴ afirma que a avaliação que um indivíduo faz sobre suas chances de sucesso numa determinada situação

faz intervir todo um corpo de sabedoria semiformal, ditados, lugares-comuns, preceitos éticos ('não é para nós') e, mais profundamente, princípios inconscientes do ethos, disposição geral e transponível que, sendo o produto de um aprendizado dominado por um tipo determinado de regularidades objetivas, determina as condutas 'razoáveis' ou 'absurdas' (as loucuras) para qualquer agente submetido a essas regularidades". Eis porque, diante da avaliação que o sujeito realiza com base em suas experiências passadas, procura ajustar e compatibilizar suas práticas às chances objetivas de realização, chegando mesmo "a recusar o recusado e a amar o inevitável."

O *habitus* é, assim, social e individual. Ao interiorizar práticas e representações, o indivíduo internaliza a objetividade, embora de modo subjetivo, assegurando com isto a relativa homogeneidade dos *habitus* de classe ou de grupo. É no interior dessa dinâmica que se dão as relações de poder, fazendo com que determinados valores e bens simbólicos tenham mais legitimidade e se imponham mais do que outros. O consumo desses bens, através dos *habitus* de classe, acaba por manifestar um tipo de dominação (a violência simbólica) na qual as relações de poder são dissimuladas. Trata-se, em verdade, de um processo de socialização que se desenvolve através da produção de uma série de *habitus* e que ex-

plica, segundo Ortiz (1994), a atenção especial dada por Bourdieu ao período de formação das primeiras categorias e valores do sujeito. De fato, nele vamos encontrar a afirmação de que

o habitus adquirido na família está no princípio da estruturação das experiências escolares, o habitus transformado pela escola, ele mesmo diversificado, estando por sua vez no princípio da estruturação de todas as experiências ulteriores. (BOURDIEU, apud ORTIZ, 1994, p. 18).

Diante disso, pode-se dizer que as escolhas das melhores estratégias objetivas, entre as quais se encontram o percurso escolar e a carreira profissional, são fortemente influenciadas pela posição social ocupada pelo indivíduo, sendo as chances de êxito das estratégias relacionadas à maior escolarização menores quanto mais simples ou modestas forem suas condições sociais. De acordo com Bourdieu (2001a, p. 89), "os estudantes são tanto mais modestos em suas ambições escolares e tanto mais limitados em seus projetos de carreira quanto mais fracas forem as oportunidades escolares oferecidas às categorias de que fazem parte." No entanto, deve-se observar com Miceli (1992, p. .XLI) que "o *habitus* constitui um princípio gerador que impõe um esquema durável e, não obstante, suficientemente flexível a ponto de possibilitar improvisações reguladas".

Vários pesquisadores têm corroborado as idéias e pressupostos acima delineados, ao mostrarem como fatores de ordem diversa encontram-se presentes nos

⁴ Id., *Ibid.*, p. 62-63.

processos de escolha, os quais são identificados por eles como culturais, econômicos, sociais e psicológicos⁵.

A partir de um estudo sobre a evolução das representações profissionais entre estudantes do segundo ciclo do ensino fundamental e médio, Rozenstraten (1987, p. 1-3) observou que "para compreender a escolha profissional é necessário encará-la no conjunto das condições determinadas por estes fatores", pois, na verdade, "não existe escolha em sentido absoluto, ela será sempre relativa, resultando do exame das alternativas que se apresentam". Isto porque "as possibilidades de escolha de uma profissão ou de um curso não são as mesmas para todos os indivíduos." De acordo com Bourdieu (2001a, p. 91), as oportunidades de acesso às posições mais bem reconhecidas social e economicamente estão diretamente relacionadas à posse de capital cultural e econômico. Formalmente, todos têm chances iguais, mas elas são de fato reais apenas para aqueles que detêm "os instrumentos necessários à sua apropriação."

Em nossa sociedade a escolha profissional representa, em grande medida, uma opção por determinado curso superior, o que se dá quando os sujeitos ainda são jovens e, muitas vezes, imaturos para tomar uma tal decisão. Assim, diante da multiplicidade de fatores envolvidos e da in experiência de quem escolhe, bem como das angústias causadas pela importância atribuída socialmente a esse momento, que costuma ser apontado como decisivo em relação ao futuro profissio-

nal, nem sempre os jovens se sentem preparados para fazer suas escolhas de modo ajustado, especialmente no que diz respeito às suas próprias expectativas. Não sem razão, muitos acabam por não concluir seus cursos, abandonando-os. Em uma análise sobre a evasão de alunos do curso de psicologia (USP-Ribeirão Preto), Bueno (1993, p. 9) afirma que "a escolha profissional é experienciada de um modo impessoal e inautêntico", pois faltam aos estudantes maiores conhecimentos acerca de aspectos relevantes da profissão.⁶

Apesar da falta de conhecimento acerca das profissões estar presente no momento de se fazer opção por um curso superior, nem por isso as escolhas deixam de ser o resultado de um processo que tem início muito cedo na vida dos sujeitos, de maneira que esse é apenas mais um dos fatores que interferem para tornar a escolha, muitas vezes, impessoal e inautêntica. Lehman (1988, p. 304), ao desenvolver uma pesquisa com uma amostra composta por pais e filhos no exercício de uma mesma profissão liberal, voltou-se para a questão do que ela denomina de "identidade vocacional". Ela observa que "os objetivos do indivíduo em relação ao valor social da profissão são delineados com grande antecedência, ainda no processo de escolha da atividade", acrescentando que as dificuldades vividas pelo adolescente acabam por levá-lo a querer "ingressar no mundo adulto com o sentido de reivindicação, de ascensão social, de transformação da sociedade, característica importante nessa fase da vida."

⁵ Para uma visão mais completa a respeito dessa revisão, consultar o trabalho de Enge (2004), o qual serviu de base para a elaboração deste texto.

⁶ Na década de 1970, esse aspecto já havia sido notado por Corrêa (1976) em uma pesquisa sobre representações e êxito profissional entre estudantes do ensino fundamental e médio.

Mas não são apenas as trajetórias de vida ou o curso superior que influenciam no futuro profissional dos indivíduos, uma vez que eles também estão sujeitos à pressão do mercado de trabalho. Passarelli (1990, p. 4, grifo nosso), em um estudo realizado com pessoas da área de informática, no qual objetivou criticar o conceito de escolha profissional, sugere que tais escolhas são delineadas dentro do próprio mercado de trabalho, quando o sujeito procura adaptar-se às necessidades do meio, buscando, com isso, uma ascensão na carreira. Para ela, "a possibilidade de escolha vincula-se, em primeiro lugar, à existência de um certo tipo de organização social" cujas características são decorrentes e próprias do momento histórico, social, político, cultural, econômico e tecnológico em que o sujeito está inserido. Isto significa que "o indivíduo que 'escolhe', sempre o faz no contexto de uma realidade ampla, que oferece algumas possibilidades, mas também torna impeditivas outras."⁷ Assim, segundo a autora os sujeitos tornam-se autores de suas trajetórias profissionais, as quais são construídas "ao longo de sua carreira, em interação estreita com as oportunidades do mercado e as necessidades surgidas no contexto das atividades profissionais que [venham] desenvolvendo."⁸

Como é possível perceber, a questão da escolha por um curso superior coloca-se com uma complexidade tal que, muitas vezes, os sujeitos acabam por se encaminhar para aquele que se mostra como o mais viável, não apenas como perspec-

tivas de profissionalização como, também, de chances de sucesso no vestibular. Diante disso, os cursos podem-se apresentar ou podem apresentar-se de maneira bastante distinta daquilo que se imaginou - ou se fantasiou -, gerando maior ou menor decepção no decorrer dos anos de graduação, ou ainda, nos anos iniciais de profissionalização, como será mais bem examinado nas análises que se seguem.

O início da profissionalização

Em estudo sobre os professores e seu trabalho em Portugal, Brandão (1999, p. 51) sugere que "é na fase de iniciação que se confrontam o modelo idealizado da profissão e a realidade da prática profissional". Isso porque, ao ingressar no mercado de trabalho, "o indivíduo toma consciência de seus gostos e capacidades, das oportunidades de carreira que pode razoavelmente percorrer, ao mesmo tempo em que interioriza uma concepção profissional que se torna em dimensão significativa de sua identidade." Desse modo, o início da profissionalização pode ser considerado como um período decisivo no desenvolvimento de toda a trajetória de trabalho futura. Cavaco (1996), outra pesquisadora portuguesa, sugere que esse é um período contraditório na vida dos professores. Por um lado, diz ela⁹,

o ter encontrado um lugar na vida ativa corresponde à confirmação da idade adulta, ao reconhecimento do

⁷PASSARELLI, L. B. *Crítica ao conceito de escolha profissional*. 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990. f. 5.

⁸ Id., *Ibid.*, f. 29.

⁹ CAVACO, M.H. *Ofício de professor: o tempo e as mudanças*. In: NÓVOA, A. *Profissão professor*. Porto, PT: Porto Editora, 1996. p. 162-163.

valor da participação pessoal no universo do trabalho, à perspectiva da constituição da autonomia; por outro, as estruturas ocupacionais raramente correspondem à identidade vocacional definida nos bancos da escola ou através das diferentes atividades socioculturais.

No magistério esse choque com a realidade tem sido reiterado. Talvez por se tratar de uma profissão socialmente desvalorizada, os próprios cursos de licenciatura acabam também por ser pouco valorizados, não havendo, em geral, condições que favoreçam o desenvolvimento de um trabalho de formação satisfatório. Além disso, ou por causa disso, os salários do magistério são, na maioria das vezes, baixos.

Em pesquisa sobre o início da profissionalização de um grupo de professores licenciados em geografia no Rio de Janeiro, Diniz (1998) sugere que esse choque pode ser motivado tanto por fatores pessoais quanto por fatores relacionados às deficiências de sua formação inicial. Em seu estudo, ela observou que os professores iniciantes sentem-se inseguros e insatisfeitos diante das dificuldades encontradas no período inicial de profissionalização, dificuldades essas referentes às deficiências da formação inicial recebida, à desvalorização profissional, ao excesso de burocracia presente no universo escolar, ao despreparo dos alunos, entre outras. Por outro lado, temem para si a acomodação que percebem em seus colegas com mais tempo de profissão.

A propósito do curso de geografia, Diniz (1998, p. 153) aponta uma questão que certamente está presente nos demais cursos de licenciatura. Diz ela que o

maior problema enfrentado pelos professores formados por esse curso refere-se à especialização do conhecimento acadêmico, a qual direciona o interesse do aluno para determinada área. No entanto, "ao transporem os muros da universidade, o que se apresenta como oportunidade de trabalho é a sala de aula do [ensino] fundamental e médio", sendo que "o conhecimento exigido pelos programas oficiais, com os quais vão trabalhar, não corresponde àquele conhecimento veiculado na academia, naqueles cursos tão concentrados por área de interesses que [...] formam mais um especialista."

Ao estudar a formação inicial e continuada de um grupo de professores licenciados em química, Maldaner (2000, p. 82) também observou o descaso que há em relação à formação inicial dos professores nos cursos de licenciatura. Mas, segundo ele, há um outro problema presente na profissão docente, a rápida desvalorização do professor como profissional, que acaba por afastar da profissão docente os profissionais mais qualificados. Além disso, para esse pesquisador, hoje não se exige dos professores muitas qualificações em termos de formação inicial e continuada "porque a tarefa de ensinar é, ainda, considerada tarefa fácil e que qualquer um pode executar."

A falta de profissionais qualificados, essa "facilidade" de ingresso nas escolas e a desvalorização social da profissão estabelecem uma alta rotatividade prejudicial à profissão docente. Muitas vezes, o magistério é tido como um bico, ou "compasso de espera", escolhido apenas até que surja uma oportunidade melhor, tal como os dados da presente pesquisa o confirmam. Além disso, a baixa remuneração leva muitos professores a procura-

rem atividades paralelas a fim de complementar a renda. Diniz (1998) afirma que isso não pode ser tomado como uma escolha, já que muitos são obrigados a se dirigir para as oportunidades que surgem no mercado de trabalho. Ela vai mais longe e pergunta: "Até que ponto, é dada ao aluno a autonomia de escolha? Não haveria aqui uma abstenção por parte da universidade, um silêncio, um abandono, recusa? [...] E tudo leva a crer que a 'escolha' pela licenciatura diz mais respeito a uma 'liberdade acorrentada'." (DINIZ, 1998, p.112).

Fétizon (1978), em estudo realizado no final da década de 70 sobre a formação de professores do curso de licenciatura da Universidade de São Paulo, já chamava atenção para a importância dessa questão, uma vez que, segundo ela,

para o magistério estes requisitos da escolha se põem como um imperativo mais agravante do que para um grande número de profissões, dada a matéria sobre a qual se exerce a atividade profissional: a formação humana dos indivíduos e a formação individual do ser humano. (FÉTIZON, 1978, p. 202).

Apesar dessa importância da profissão docente, a autora¹⁰ observou a propósito da licenciatura que "entre 1974 e 1976 somente cerca de 10% das respostas indicaram o magistério como primeira escolha, enquanto quase 20% o acu-

saram como recurso de 'vigésima-quinta hora.'" ¹¹

Essa questão do "desvio profissional" não se mostra, no entanto, uma situação superada e, nem mesmo típica de São Paulo, pois também vem retratada no recente trabalho de Paul (1997), realizado com egressos dos cursos de licenciatura de Fortaleza. De acordo com o pesquisador¹², esse curso é "o refúgio onde se abrigam os que não têm qualquer opção." A propósito dessa defasagem entre as aspirações produzidas pelo sistema de ensino e as oportunidades realmente oferecidas, as teorizações de Bourdieu (2001b) são mais uma vez elucidativas. Segundo ele¹³, "numa fase de inflação de diplomas, [este é] um fato estrutural que afeta, em diferentes graus, segundo a raridade dos respectivos diplomas e segundo sua origem social, o conjunto dos membros de uma geração escolar."

Cumprida todavia assinalar que, se o magistério não se configura como uma escolha profissional, muitas vezes essa é uma decisão tomada no decorrer dos próprios cursos superiores, a partir de imagens formadas por meio do contato com os próprios profissionais da área educacional, seus professores. A esse respeito, Fétizon (1978) sugeriu que a própria licenciatura é fonte de estereótipos e preconceitos acerca da profissão docente, já que, "embora em nível superior, a for-

¹⁰ FÉTIZON, B. *Educar professores?* São Paulo: FEUSP, 1978. p. 148. (grifo da autora).

¹¹ O estudo de Saade (1975) também realizado nessa mesma época, chegou a conclusões semelhantes a propósito da Universidade Federal do Espírito Santo.

¹² PAUL, J. J. *O mercado de trabalho para os egressos ...* São Paulo: NUPES, 1997. p. 39.

¹³ BOURDIEU, P. O diploma e o cargo: relações ... In: _____. *Escritos de educação*. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001b. p. 161-162.

mação de professores secundários constitui, desde o início, fora e dentro da Universidade, uma formação de segunda categoria, face aos demais cursos superiores." (FÉTIZON, 1978, p. 164, grifo da autora).

Entre os estudantes do curso de pedagogia a situação parece ser um tanto diferente, mesmo porque para eles a habilitação profissional obtida com o curso é muito mais específica, estando praticamente restrita à área educacional. Em estudo realizado na Faculdade de Educação da USP com egressos desse curso, Ghanem Jr. e Mendonça (1989) chegaram a conclusões bem diversas daquelas observadas por Saade (1975) e Paul (1997), estes a propósito da licenciatura. Os dados obtidos pelos dois primeiros pesquisadores¹⁴ permitiram constatar que, entre os pedagogos, "a maior parte dos diplomados inicia a vida profissional no campo educacional, concentrados em atividades docentes." Além disso, observaram que no contexto do curso de Pedagogia "delinea-se um esforço dos egressos para se manterem no campo educacional."¹⁵

A busca pelo magistério, no entanto, oscila conforme os tempos e a organização da dinâmica social. Em um estudo

que examinou o destino ocupacional de ex-alunos de cursos superiores, Castro e Paul (1992) concluíram, no início da década de 90, que os egressos da USP não enfrentavam problemas relativos à falta de emprego. No entanto, nos últimos cinco anos as matrículas no curso de licenciatura da FEUSP sofreram um aumento da ordem de 85,7 %¹⁶, dado que parece refletir a crise do desemprego e a insegurança dos dias atuais. Em outras palavras, podemos perguntar, nos mesmos termos de Spósito (1987, p. 9), "o que tem sido preponderante para a definição do lugar ocupado pelos diplomados no mercado de trabalho? Sua formação universitária ou as exigências do mercado?"

Diante desse quadro, atualmente o professor é visto, muitas vezes, como aquele que não foi capaz de conseguir um emprego melhor. Para Diniz (1998, p. 170), comparando com outro momento histórico, no qual "o professor no seu saber e abnegação era amplamente apreciado, nos tempos atuais o status social é estabelecido primordialmente a partir de critérios econômicos". Assim, os baixos salários que são pagos aos professores se transformam "em mais um elemento na crise de identidade dos professores", incluindo-os "nas camadas mais pobres da

¹⁴ GHANEM JR.; MENDONÇA, M. Estudo exploratório sobre o destino ocupacional dos graduados em pedagogia. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 230, 1989.

¹⁵ Este dado foi também apontado por Oliveira e Sousa (1998, p. 69) no estudo que vêm realizando há alguns anos dentro desse mesmo universo de pesquisa - o curso de pedagogia da FEUSP. No entanto, eles constataram a existência de diferenças entre os alunos que fizeram o curso no período noturno e no diurno. Em relação ao período vespertino, eles dizem que "o curso profissionalizou os alunos e possibilitou-lhes inserção no mercado de trabalho na área de sua formação". Entretanto, para os alunos do noturno o mesmo não ocorreu, observando-se, segundo eles, "um decréscimo do número dos que atuavam em educação" no decorrer do curso.

¹⁶ O total de matrículas nas disciplinas de Metodologia de Ensino em 1995 (1º semestre) foi de 767 e, em 1999 (1º semestre), de 1424.

população, caso do Brasil e de outros países como Portugal e Espanha."¹⁷

Esses estudos revelam a situação da profissão docente, a qual se tem apresentado muitas vezes como um trabalho assumido em caráter temporário devido à falta de vagas na área almejada. Assim, parece difícil afirmar que o magistério se configura como uma escolha profissional, ou uma opção. Por isso, parece que acaba sendo o destino ocupacional em que muitos licenciados permanecem enquanto não encontram outra colocação. Tais questões nortearam as análises subsequentes, as quais buscam uma maior compreensão dos motivos que levaram os licenciados a se encaminharem tanto para a licenciatura, como para a profissão docente.

A influência do mercado de trabalho

Ao contrário do que se poderia supor, apesar de a licenciatura ser um curso essencialmente voltado à formação de professores, nem sempre as expectativas dos ex-alunos dos cursos de licenciatura da Universidade de São Paulo em relação a esses cursos estiveram relacionados ao exercício da profissão do magistério. Os dados obtidos por esta pesquisa revelam que muitos licenciados decidiram encaminhar-se para a licenciatura quando a conclusão do bacharelado se aproxima-

va, motivados principalmente pela perspectiva de obter o título legal para o exercício docente, seja por querer ser professores ou para ter mais uma possibilidade de trabalho, ou, ainda, para prorrogar o fim do vínculo com a Universidade por mais algum tempo.

Foi também constatado que a maior parte dos licenciados estudados iniciou a vida profissional no campo educacional, concentrados em atividades docentes. Em 1994 e 1995, quando no final do curso de licenciatura, 41% dos licenciados dedicavam-se apenas ao magistério, enquanto 24% dedicavam-se simultaneamente ao magistério e a outra atividade não docente, e os demais, 35%, a outras atividades não docentes. No momento da coleta de dados, 48 formados estavam fora do magistério, o que chamou a atenção pelo fato de a licenciatura ser um curso específico de formação de professores. Verificou-se entre esses que vários se mantinham ligados a suas áreas de origem, porém fora do magistério, pelo fato de terem tido experiências frustrantes no magistério.

Considerando-se que 65% dos licenciados acabaram por encaminhar-se ao magistério em algum momento de suas trajetórias, pode-se dizer que a atividade docente, apesar de pouco valorizada, ainda se constitui em uma alternativa de trabalho aos egressos da USP. Embora muitas vezes esta atividade tenha surgido como uma opção temporária, não raro ela aca-

¹⁷ Em estudo sobre a carreira docente em Portugal, Teodoro (1994, p. 52) sugere que há entre os professores um desejo de deixar a profissão, principalmente devido à má remuneração, à degradação da carreira e à falta de estímulo. Diz ele, em pesquisa estatística realizada em 1989 entre professores dos ensinos básico e secundário e da educação pré-escolar naquele país, que se pode determinar "até onde vai o mal-estar entre os professores: 35% dos entrevistados declaram que, se tivessem oportunidade, deixariam de ser professores."

ba sendo prorrogada por períodos de tempo mais longos do que o pensado inicialmente, fazendo "do presente uma espécie de *sursis permanentemente renovado*", como observou Bourdieu (2001c, p. 174). De todo modo, isso ocorre em geral por acaso, como mostra o depoimento abaixo, mas que não é único:

Entre no IPEN mais ou menos ao acaso. Eu vi uma propaganda num mural e achei interessante. Por causa do assunto e tudo. Tinha tudo a ver com o que eu estava estudando. A princípio eu até achei que fosse ser um estágio, por um curto espaço de tempo até aparecer uma outra oportunidade ou uma outra coisa. Mas apareceu assim, ao acaso, eu gostei, acabei ficando, o assunto é muito vasto, muito denso e estou lá até hoje. (Alberto)

De um modo geral, o que se pode perceber é que, independentemente da área para a qual se encaminharam, o mercado de trabalho teve um peso considerável no início da inserção profissional dos licenciados, como já o apontaram Ghanem Jr. e Mendonça (1989). Os depoimentos colhidos corroboram a idéia de que a carreira profissional costuma ser desenvolvida em função das oportunidades que surgem em determinados momentos de suas vidas, tal como exemplificam os seguintes depoimentos:

Fui para o magistério através de anúncio de jornal, onde eu vi que uma escola estava procurando professores. Fui até lá, fiz um teste, fiz uma entrevista e fui aprovada. [...]. Para o banco foi a mesma coisa. Vi anúncio e, na época, a própria família me incentivou a prestar concurso. (Débora)

Tinha que me sustentar. Daí arrumei emprego na área de direito e foi o que me levou. A vida me levou para essa área [...]. A vida vai levando a gente para áreas profissionais diferentes e a gente vai se desviando do desejo inicial. (Carlos)

Em relação aos licenciados que se tornaram professores, uma proporção considerável (33) atua também em outra profissão concomitante. Nesse grupo, com exceção de seis formados que reclamam da desvalorização do magistério, todos afirmam que gostam de lecionar e dizem não ter pretensões de deixar o trabalho na sala de aula. Dentre esses professores, sete são efetivos na rede pública de ensino. Isto poderia fazer supor que o magistério representa uma atividade com vínculo profissional mais estável, e não apenas um meio de complementação da renda ou um "bico" no qual eles ficam enquanto não surge uma oportunidade melhor. Mas não é bem isso o que se pode concluir a partir de outros depoimentos. Alguns disseram que deixariam o magistério público caso não pudessem conciliá-lo com sua outra atividade, considerada prioritária e mais rendosa, embora gostem muito de dar aulas e se satisfizem muito com essa atividade.

De um modo geral, o que se observa é que, mesmo entre os licenciados que já atuaram no magistério e interromperam o exercício docente, há o gosto pela atividade docente. Nos casos em que ocorreu o abandono da profissão, isso se deveu sobretudo a problemas salariais e às condições de trabalho oferecidas, ou porque a conciliação com as demais atividades tornou-se inviável. A respeito desse aspecto, já havíamos observado em pes-

quisa anterior (BUENO, 1996) que este é um dos fatores que impele os professores (ou futuros professores) a procurar outras atividades, deixando o magistério para ser buscado em situações de insucesso em outras experiências. Conforme se afirmou, a busca de outras perspectivas está fortemente relacionada ao *status* profissional e à pouca legitimidade de que goza o magistério, isto é, aos valores que socialmente são atribuídos a esta profissão, e não propriamente a uma aversão às atividades do ensino. No caso da presente pesquisa, uma das licenciadas expressou claramente esse sentimento dizendo:

Eu saí do magistério, acho que mais pelo salário. Acho que se eu recebesse bem, eu ia continuar muito bem lá. Tranquilamente. [...] Mas não dá! O salário que pagam é absurdo de baixo!

Dentre os licenciados que abandonaram a profissão docente após curtas experiências no magistério, a maioria atua na própria área de sua formação em atividades técnicas ou de pesquisa, ou encontram-se em cursos de pós-graduação. Outros fizeram uma segunda graduação e ingressaram no mercado de trabalho em áreas relacionadas à formação recebida nesse segundo curso. Entre os poucos que atuam em áreas diferentes daquelas para as quais se habilitaram na graduação, o que se observa é que são profissionais que ingressaram na atividade há bastante tempo, na maioria dos casos antes mesmo do ingresso na universidade. Gatti (2000, p. 58) diz ter observado em sua pesquisa que "muitos estudos [...] mostram que a escolha pela opção magistério e pela realização de licenciatura nem sempre se constitui em escolha pela carreira docente. Grande

porcentagem dos que fazem esses cursos não pretende exercer a profissão." Entre os egressos deste estudo houve vários casos desse tipo. Um deles, por exemplo, foi para área do direito, como já mencionado, nesse caso também por força do mercado e não porque fosse o que mais desejava profissionalmente.

De todo modo, fica patente que o *status* social das profissões tem um peso grande quando se trata de tomar decisões. Diante da instabilidade do mercado de trabalho e das pressões sociais sofridas, parece que, cada vez mais, o êxito profissional tem sido associado à remuneração e à posição ocupada no mundo dos negócios. Assim, de um modo geral, as atividades profissionais menos valorizadas são procuradas apenas no caso de insucesso em outras áreas. E não é somente para o magistério que vão aqueles que não conseguem vaga nas áreas pretendidas. O que se percebe é que, como já o observaram Ghanem Jr. e Mendonça (1989) entre outros pesquisadores, mais do que o título conferido pelo diploma, há uma forte influência do mercado de trabalho quanto à ocupação profissional, mesmo porque nem todos os formados encontram as mesmas oportunidades.

Satisfação e perspectivas profissionais

Sabendo-se que, em muitos casos, tanto a licenciatura como o magistério não representaram uma escolha, e que esta é uma profissão pouco valorizada social e economicamente, é preciso analisar o que a docência significa, em termos de satisfação, para esses professores que atu-

am no ensino. Para isso, buscou-se averiguar em que medida os licenciados que se encaminharam para o magistério estão satisfeitos.

A maioria dos licenciados que se encaminhou para o magistério (105) diz gostar de lecionar, enfatizando especialmente os motivos associados às relações interpessoais estabelecidas com os alunos, ao acompanhamento do processo de aprendizagem e ao reconhecimento do seu trabalho. Ao investigar o desenvolvimento da carreira dos professores em Portugal, Loureiro (1999, p.145) observou que "o exercício da profissão, ao proporcionar sentidos de realização pessoal e profissional, ajuda a consolidar uma escolha inicial, podendo também transformar um envolvimento provisório em envolvimento definitivo."

Apenas dois egressos disseram não gostar de ensinar, alegando motivos relacionados à desvalorização profissional. Por esta mesma razão, um número expressivo (34) disse gostar de ensinar, mas "com ressalvas". As razões da insatisfação, segundo eles, estão relacionadas, sobretudo, às condições de trabalho, consideradas por muitos como inadequadas (salas lotadas, falta de recursos nas escolas, ritmo de trabalho acelerado para compor a jornada e ainda realizar as atividades extraclasses), aos baixos salários e à indisciplina dos alunos.

Entretanto, independentemente do interesse ou do desinteresse, da satisfação ou da insatisfação em relação à profissão docente, 109 dos licenciados afirmaram que querem continuar a dar aulas, ou voltar a lecionar, no caso daqueles que interromperam o exercício docente. Entre os demais, onze afirmam que preten-

dem deixar a profissão docente; dez, que ainda não sabem ao certo quais são suas perspectivas profissionais; cinco, que gostariam de prosseguir no magistério, mas desde que encontrem melhores condições de trabalho; e outros cinco, que pretendem continuar trabalhando no magistério, mas por certo tempo na expectativa de que surja uma oportunidade profissional melhor. Isso porque, apesar de estarem atualmente satisfeitos com a função exercida no magistério, a falta de reconhecimento do seu trabalho e as pressões a que são submetidos faz com que eles se sintam inseguros quanto ao futuro. Para eles, a perspectiva de deixar a atividade ou mudar de nível de ensino é real, mas sem prazos definidos:

Eu penso no futuro, porque a gente vai perdendo a paciência com criança. Então eu penso, no futuro, em dar aula em faculdade, coisas assim, por ser um pouco mais sossegado. (Karen)

A vida é muito complexa. Você sempre quer uma coisa melhor, você não quer ficar no mesmo. Um pouco do curso de biblioteconomia [...] tem a ver com a questão da valorização profissional do bibliotecário que, querendo ou não, ele é mais valorizado que o professor, e a renda, o rendimento dele, é maior do que o rendimento do professor. (Guilherme)

A possibilidade de pedir exoneração hoje, para mim, no Estado, é muita. Faria o pedido de exoneração amanhã se fosse necessário. (Fábio)

Desse modo, pode-se notar que, mesmo quando satisfeitos, os professores não costumam ter certeza da sua continuidade no magistério, sobretudo em relação

ao ensino básico. Ou seja, assim como o encaminhamento para a profissão docente muitas vezes se dá "ao acaso", sem que exista qualquer tipo de direcionamento para essa atividade, a permanência nesta também não parece ser garantida pela satisfação profissional, como vários pesquisadores já observaram (FÉTIZON, 1978; DINIZ, 1998; LOUREIRO, 1999; LAPO; BUENO, 2002, 2003). Isso porque, conforme já observado, o futuro é determinado principalmente em função das oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho.

Duas licenciadas abandonaram a profissão docente quando se aproximavam da conclusão do curso de licenciatura, sobretudo devido à desvalorização da profissão, por terem conseguido trabalhos em áreas de maior reconhecimento. Uma delas abriu uma empresa e a outra passou a atuar como administradora de empresas, área de sua segunda graduação. A falta de reconhecimento do trabalho docente foi o motivo que também levou outros dois a desistirem de se tornar professores, após breves experiências no magistério. O que se pode observar nas entrevistas é que o magistério se configura como uma possibilidade concreta de trabalho durante a graduação, seja devido à facilidade de acesso, à flexibilidade da jornada semanal, ou mesmo à possibilidade de trabalho noturno, viabilizando sua conciliação com outras atividades, como, por exemplo, as acadêmicas, tal como mostram os excertos retirados de dois depoimentos:

Eu comecei mesmo [a dar aula] no último ano da licenciatura. Eu já estava com algumas matérias da licenciatura, tinha algumas manhãs livres, tinha o sábado também. Foi aí que eu

entrei nessa área da educação, com ensino de língua estrangeira que, no caso, foi o inglês. [...] De lá para cá eu continuei fazendo as duas coisas, continuei trabalhando no banco e continuei com as aulas de inglês. (Débora)

Durante o período da graduação eu tinha horários vagos dentro da faculdade, da educação física, e eu precisava de alguma forma me sustentar. Foi aí que eu comecei a dar aula de natação, de hidroginástica e para pré-escola. (Fernanda)

Mesmo sabendo que a profissão docente é desvalorizada, alguns licenciados optam por se encaminhar para essa atividade, procurando estabelecer-se no magistério público, sobretudo pela perspectiva de estabilidade profissional. Dois professores do grupo estudado se efetivaram na rede estadual de ensino através do concurso realizado em 1999. Para um deles, a aprovação nas provas representava o retorno em definitivo para o magistério:

Não tive dúvida, falei: "agora é estudar para o concurso, mandar bala, estudar firme, tentar entrar, porque isso aí pode representar a minha estabilidade, digamos assim, no campo da educação." [...] Passei e não tive dúvidas na hora da escolha. Na hora que vi o nome da escola em que estou, em que estudei, em que passei toda essa trajetória, eu vi na mão dela a letra e falei: "é aqui mesmo que eu vou 'amarrar o meu burro'." E voltei [para o magistério]. Voltei, escolhi aula como efetivo e agora estou lá. Dei aula em 2000 e agora estou em 2001, absolutamente estabilizado na escola. Ou seja, tenho um prazer enorme". (Guilherme)

É interessante notar que as duas que pareceram ser as mais insatisfeitas profissionalmente são também as mais velhas do grupo de professores estudados; tinham cerca de 40 anos à época das entrevistas. A idade parece ser, portanto, mais um dos fatores que se deve considerar quando se pensa na carreira profissional. Isso porque as chances de se obter uma vaga no mercado de trabalho são difíceis para todos os candidatos, mas tornam-se ainda mais distantes quanto mais idade a pessoa tem. Ou seja, conforme o tempo passa, há uma tendência que leva as pessoas a se acomodarem ainda mais, principalmente por medo de serem excluídas definitivamente do mercado às vésperas da aposentadoria.

Conclusão

As análises desenvolvidas no presente estudo permitiram corroborar a idéia de que os caminhos que levam à profissão docente são variados: há os que sempre quiseram ou sonharam tornar-se professores; os que começaram a lecionar como um "bico", geralmente percebendo a possibilidade de ter no ensino uma fonte de renda durante os anos da faculdade, mas acabaram por gostar ou acostumar-se com a atividade e continuam no magistério; e os que dizem ter sido levados por uma determinada situação, não sendo esse encaminhamento resultado de uma decisão pensada sob todos os seus ângulos, entre outras trajetórias. Todos disseram estar satisfeitos com a profissão, geralmente por motivos associados às relações interpessoais estabelecidas com os alunos, ao acompanhamento do processo de aprendizagem e ao reconhecimento do seu trabalho. No entanto, percebe-se nos depoimentos uma imagem depreciativa da li-

cienciatura, de modo que é comum o magistério ser visto como uma atividade para a qual se dirigem aqueles que "não conseguiram fazer nada melhor".

Evidenciou-se também que o ingresso no ensino superior, muitas vezes, não está diretamente relacionado à perspectiva de profissionalização em determinado campo de atuação, sendo a incerteza diante do futuro ocupacional um fator que tem levado os jovens a se encaminharem para esse nível de ensino sem se direcionarem para um campo de atuação específico. Da mesma maneira, muitas vezes o encaminhamento para a licenciatura não é resultado do interesse em exercer a profissão docente, apesar de ser um curso essencialmente voltado à formação de professores. Desse modo, as trajetórias ocupacionais têm sido definidas, principalmente, em função das oportunidades oferecidas pelo mercado de trabalho. Para os licenciados em estudo, o diploma trouxe mais oportunidades de emprego, além de estabilidade profissional, sendo a melhoria salarial decorrente do desenvolvimento de suas carreiras.

Quando no mercado de trabalho, os egressos parecem apostar no reconhecimento do valor do diploma da Universidade de São Paulo. Talvez por isso alguns jovens atribuem mais valor ao ingresso nessa universidade do que à própria área da graduação, seja pelo *status* que representa ou pela gratuidade do ensino. Esses estudantes, geralmente de origem social mais humilde, costumam buscar aqueles cursos de menor concorrência, ainda que não correspondam à sua opção principal, pois não haveria grandes chances de acesso a cursos mais concorridos, como medicina ou direito. Isso é indicativo de que o diploma universitário, sobretudo quando se

fala de uma instituição como a USP, é visto como uma espécie de salvaguarda contra o desemprego que assombra as sociedades contemporâneas. Conforme Bourdieu (1990, p. 164), "um título como o título escolar é capital simbólico universalmente reconhecido e garantido, válido em todos os mercados."

Atualmente, as profissões para as quais a universidade forma seus alunos nem sempre correspondem às ocupações que eles assumem no mercado de trabalho, de modo que a titulação universitária tem sido vista pelos jovens como mais importante do que a graduação em áreas específicas. O que parece ser preponderante para o desenvolvimento das carreiras são as oportunidades que o mercado oferece, já que a vida profissional dos indivíduos é construída passo a passo. Assim, o lugar ocupado pelos diplomados no mercado de trabalho tem sido determinado por meio de uma inter-relação entre a formação universitária, as exigências e necessidades do mercado e as próprias expectativas e desejos, sendo as trajetórias ocupacionais construídas no decorrer dos percursos individuais.

As análises indicam também que é forçoso reconhecer que "tão importante quanto possuir cursos destinados a formar professores, seja de nível médio, seja superior, é garantir que os profissionais formados nesses cursos dediquem-se efetivamente à atividade docente" (INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA, 2003). Enquanto o magistério for uma profissão desvalorizada e sem uma re-

muneração atraente, é muito provável que os licenciados procurarão outras ocupações, pois como revelam os dados do IBGE citados nessa mesma pesquisa, "considerando profissões com nível de formação equivalente, o magistério é aquela que oferece os piores salários."¹⁸

A presente pesquisa revela que, apesar de muitas vezes o magistério não se configurar como uma escolha, este é o destino profissional da maioria dos licenciados pela USP. Por outro lado, assim como se observa em relação à profissão docente, os próprios cursos de formação de professores são desvalorizados, sendo vistos, na maioria das vezes, como uma forma de assegurar uma chance de emprego, uma vez que esta ainda é uma profissão na qual sobram vagas. Tal situação tende somente a se agravar com a crise que ronda o mercado de trabalho, fazendo do magistério, cada vez mais, "um refúgio onde se abrigam os que não têm qualquer opção" (PAUL, 1997, p. 39).

Se é certo que esse horizonte indica um aprofundamento da desvalorização do magistério, do ponto de vista de uma teoria da ação as conclusões não se mostram tão claras. Render-se às pressões do mercado de trabalho não significa, necessariamente, uma resposta determinada simplesmente pela força do *habitus*, mas pode bem ser uma ação racional, calculada (LAHIRE, 2002), como estratégia para fazer frente aos dilemas enfrentados no início do processo de profissionalização, sobretudo quando se é jovem e se pode arriscar mais.

¹⁸ INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Estatísticas dos professores no Brasil*. Disponível em: <http://www.inep.gov.br>. Acesso em: 16 out. 2003.

Recebido em: 23/07/2004

Aceito para publicação: 02/09/2004

ABSTRACT

Teaching Profession and Labour market: motivations and dilemmas in the professional choice

The paper deals with the issue of the professional choice and its relations with the labour market. It has a double focus: the initial experiences of teachers formed by the University of Sao Paulo (1994-1995) and the transition from the university to the labour market. Research data were collected through two questionnaires and fourteen semi-structured interviews. The construction of the theoretical framework starts from the Bohoslavsky' works (1983, 1987) and the sociological theory of Bourdieu (1990, 1992, 1994, 2001). The analysis approaches the choice of undergraduate courses and the influences the students receive from the family and schooling. It also discusses the teacher education at USP and the students low motivation for its courses for teachers' training. At the heart of the article is the theme of work: the motivations and dilemmas faced by the teachers along their first years after the undergraduation course vis-à-vis the influences from the labour market, that appears as the main factor of decision in their professional career.

Keywords: Professional choice – USP undergraduation courses - teaching profession – labour market

RESUMEN

Magisterio y mercado de trabajo: motivaciones y dilemas en la escoja profesional

El artículo trata de la cuestión de la escoja profesional y sus relaciones con el mercado de trabajo. Analiza la experiencia de un grupo de licenciados de la USP que concluyeran sus cursos en 1994 y 1995. Enfoca la transición de la universidad para el mundo del trabajo. Los datos fueran obtenidos través de dos cuestionarios y de entrevistas semi-estructuradas realizadas con 14 egresos de diferentes cursos. En la construcción del referencial teórico se utilizó como punto de partida los trabajos de Bohoslavsky (1983, 1987) sobre la escoja profesional y la teoría sociológica de Bourdieu (1990, 1992, 1994, 2001) para interpretar como son procesadas las escojas. Intenta discutir las influencias de la familia y de la escolarización. También aborda la formación de los profesores de la

USP y el bajo prestigio de la licenciatura. Las motivaciones y los dilemas vividos por los profesores durante los primeros años de formados delante de las influencias del mercado de trabajo son los factores preponderantes para el desarrollo de sus carreras profesionales.

Palabras-clave: *Escoja profesional – magisterio – licenciatura – mercado de trabajo*

Referências bibliográficas

BOHOSLAVSKY, R. *Vocacional: teoria, técnica e ideologia*. São Paulo: Cortez, 1983.

_____. *Orientação vocacional: a estratégia clínica*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1992.

_____. *Esboço da teoria da prática*. In: ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994. p. 46-81.

_____. *Futuro de classe e causalidade do provável*. In: _____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2001a. p. 81-126.

_____. *O diploma e o cargo: relações entre o sistema de produção e o sistema de reprodução*. In: _____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2001b. p. 127-144.

_____. *Classificação, desclassificação, reclassificação*. In: _____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 2001c. p. 145-183.

BRANDÃO, M. *Modos de ser professor*. Lisboa, PT: Educa, 1999.

BUENO, B. O. *Autobiografias e formação de professores*. 1996. Tese (Livre Docência)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

BUENO, J. L. O. *A evasão de alunos*. *Paidéia: cadernos de psicologia e educação*, Ribeirão Preto, n. 5, ago. 1993.

CASTRO, M. H.; PAUL, J. J. *As variações salariais de egressos da USP*. São Paulo: NUPES, 1992.

CAVACO, M. H. *Ofício de professor: o tempo e as mudanças*. In: NÓVOA, A. *Profissão professor*. Porto, PT: Porto Editora, 1996.

CORRÊA, E. *A escolha profissional em relação à área de interesse, motivos da preferência e razões do êxito da profissão*. 1976. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1976.

DINIZ, M. *Professor de geografia pede passagem: alguns desafios no início da carreira*. 1998. Tese (Doutorado)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

ENGE, J. S. *Da universidade ao mundo do trabalho: um estudo sobre egressos do curso de licenciatura da USP (1994 -1995)*. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação)- Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

FÉTIZON, B. *Educar professores?* São Paulo: FEUSP, 1978. (Col. Estudos e Documentos; v. 24).

GATTI, B. *Formação de professores e carreira*. Campinas: Autores Associados, 2000.
GHANEM JR.; MENDONÇA, M. Estudo exploratório sobre o destino ocupacional dos graduados em Pedagogia. *Revista da Faculdade de Educação*, São Paulo, v. 15, n. 2, 1989.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA. *Estatísticas dos professores no Brasil*. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/download/censo/2003/estatisticas-professores.pdf>>. Acesso em: 16 out. 2003.

LAHIRE, B. *Homem plural: os determinantes da ação*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 2002.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. O abandono do magistério: vínculos e rupturas com o trabalho docente. *Psicologia USP*, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 243-276, 2002.

LAPO, F. R.; BUENO, B. O. Professores, desencanto com a profissão e abandono do magistério. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 118, p. 65-88, 2003.

LEHMAN, Y. *Aquisição de identidade profissional em uma sociedade em crise*. 1988. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1988.

LOUREIRO, W. N. (Org.). *Formação e profissionalização docente*. Goiânia: Editora da UFG, 1999.

MALDANER, O. A. *A formação inicial e continuada de professores de química: professor/pesquisador*. Ijuí, RS: Ed. UNIJUÍ, 2000.

MICELI, S. Introdução: a força do sentido. In: BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectivas, 1992.

OLIVEIRA, R. P.; SOUSA, S. Z. Curso de pedagogia FEUSP: perfil de ingressantes, trajetória acadêmica e destino profissional dos formandos. *Avaliação*, Campinas, ano 3, n. 3, v. 3, p. 61-70, 1998..

ORTIZ, R. (Org.) *Pierre Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.

PASSARELLI, L. B. *Crítica ao conceito de escolha profissional*. 1990. Dissertação (Mestrado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1990.

PAUL, J. J. *O mercado de trabalho para os egressos do ensino superior de Fortaleza*. São Paulo: NUPES, 1997. (Série Documentos de Trabalho).

ROZENSTRATEN, A. *Representações profissionais*. 1987. Tese (Doutorado em Psicologia)- Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1987.

SAADE, M. *Aproveitamento pelo mercado ocupacional dos egressos dos cursos de licenciatura em filosofia, ciências e letras*. Vitória: UFES, 1975.

SPÓSITO, M. P. (Coord.). *Estudo exploratório sobre destino ocupacional, expectativas e desempenho profissional dos graduados em pedagogia*. São Paulo: NUPES, 1987.

TEODORO, A. *A carreira docente: formação, avaliação, progressão*. Lisboa, PT: Texto Editora, 1994.

Correspondência:

bbueno@usp.br

janinesenge@hotmail.com